

APRESENTAÇÃO

O final do século XX viu surgir e se alastrar pelas universidades brasileiras a chamada cultura da avaliação. Mas o que significa? Em que contexto e com quais objetivos surgiu? Quais as implicações para a construção do conhecimento científico, especialmente para as Ciências Sociais? Este número de *Mediações* traz o dossiê *C&T: análises sobre a cultura da avaliação na produção acadêmica*. Nosso(a)s leitor(a)s serão introduzido(a)s ao tema por meio de uma apresentação exclusiva para o dossiê escrita por Martha Ramírez-Gálvez, que tece algumas considerações sobre este fenômeno. Ao problematizar uma questão que está na ordem do dia da política acadêmica brasileira, o(a)s leitor(a)s são aos poucos conduzido(a)s aos artigos que compõem o dossiê com análises feitas por autore(a)s das mais variadas perspectivas teóricas dentro e fora das universidades brasileiras e, importante destacar, não somente da área de Ciências Humanas.

Além do dossiê temático, este número apresenta um conjunto diversificado de contribuições no âmbito das três grandes áreas das Ciências Sociais.

Abrimos a seção de artigos com dois assuntos muito caros à Ciência Política: partidos e votos nas democracias contemporâneas. A pesquisa realizada por Renato Perissinoto e Bruno Bolognesi traça os perfis dos candidatos recrutados por dois importantes partidos brasileiros, o PT e o outrora PFL. Examinam em que medida tais perfis se relacionam às regras formais de recrutamento previstas nos estatutos partidários. Paola Novaes, por sua vez, apresenta suas análises acerca do impacto de votos em branco, votos nulos e abstenções sobre a legitimidade das democracias contemporâneas.

Os artigos de Jennifer Perroni e Gilmar Rocha abrem as portas do debate antropológico sobre cultura. A primeira autora, por meio da violenta história da paquistanesa Muktar Mai, examina um duplo movimento: de um lado, a tradição e a cultura permeiam as ações e representações em que o corpo feminino ainda é objeto da honra ou vergonha do clã e; de outro, o mesmo sistema de valores possibilita rupturas com um determinado padrão de subordinação. O segundo autor inspira-se na proposta da arqueologia do saber para analisar a “cultura popular”, traçando os próprios percursos epistemológicos de formação das Ciências Sociais no Brasil.

Alguns dos temas centrais da sociologia contemporânea aparecem nos três últimos artigos da seção. Enquanto Giuliana Leal traz uma crítica ao conceito

de exclusão social; o artigo de Evelyne Medeiros e Sâmbara Ribeiro desvenda os desafios dos processos de participação popular como uma via de mão dupla: abre caminho para a construção de uma “contra-hegemonia popular”, mas também coloca armadilhas próprias a uma sociedade com relações sociais pautadas pela dominação e exploração. Rodrigo Manoel da Silva fecha a seção de artigos tecendo considerações sobre o conceito de experiência social de François Dubet, que além de constituir-se em ferramenta analítica e investigativa, permite problematizar o possível alcance metodológico do uso deste referencial analítico nas Ciências Sociais.

Por fim, este número contém três resenhas de livros recentemente publicados no país. A primeira delas tem uma relação estreita com o dossiê temático. Trata-se da resenha crítica do livro *Para onde vai a pós-graduação em Ciências Sociais no Brasil*, de Carlos Benedito Martins (org), em que Fábio Lanza, ao mesmo tempo em que apresenta o livro, percorre os trajetos da Pós-Graduação em Ciências Sociais no Brasil. Elizete Conceição Silva, na resenha do livro *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*, de Gilles Lipovetsky, corrobora as observações do autor do livro: na sociedade do hiperconsumo, o indivíduo que alcançou o progresso das ciências e das técnicas tão almejadas tem toda a liberdade de escolha, mas não está feliz e cada vez mais necessita de medicamentos para garantir a alegria, a esperança, o apetite, o sono... A resenha de Jéssica Hiroko tem o mérito de, a partir da obra de David Kuper *A reinvenção da sociedade primitiva: transformações de um mito*, convidar-nos a repensar as dicotomias existentes nos discursos de nossa própria sociedade, que, segundo a autora, “incorrem no risco de não serem propriamente democráticos”.

Acreditamos que, em mais este número, *Mediações* cumpriu uma de suas tarefas: fomentar o debate teórico-crítico acerca de temas relevantes para as Ciências Sociais como forma de enfrentamento aos desafios colocados pela sociedade contemporânea.

Martha Ramírez-Gálvez, Renata Gonçalves e Sávio Cavalcante
(Organizadores deste número)